

# EMPRÉSTIMOS TUPÍ-GUARANÍ EM KARAJÁ

Eduardo Rivail Ribeiro<sup>1</sup>

**Resumo.** Este artigo descreve vários empréstimos de origem Tupí-Guaraní existentes em Karajá, língua Macro-Jê do Rio Araguaia. Tais empréstimos incluem nomes de produtos adquiridos provavelmente através do contato com o homem branco (incluindo termos para ‘enxada’, ‘arma de fogo’, ‘papel’), plantas cultivadas e elementos da fauna. Além disso, há pelo menos um empréstimo relacionado à vida cerimonial — *txakohi*, o nome de uma das diversas máscaras usadas nas festas de aruanã. O autor sugere que alguns destes empréstimos teriam vindo de uma das línguas gerais amplamente usadas nos primeiros séculos da colonização do Brasil. Outros empréstimos são certamente de origem Tapirapé, povo que tem historicamente mantido intercâmbio cultural com os Karajá. Finalmente, sugere-se a possibilidade de que alguns destes empréstimos teriam vindo de uma terceira fonte, provavelmente povos Tupí-Guaraní da região do Xingu.

**Palavras-chave:** Karajá, Macro-Jê, empréstimos Tupí-Guaraní

**1. Introdução.** Os Karajá,<sup>2</sup> povo indígena que já habitava as margens do Rio Araguaia muito antes da chegada dos portugueses e seus descendentes, estão em contato mais ou menos permanente com a sociedade nacional há pelo menos dois séculos e meio. Tal contato intensificou-se sobremaneira no último século, primeiro com a navegação intermitente entre Goiás e o Pará e, posteriormente, com o advento de colonos e a construção de estradas, como um resultado da ‘Marcha para o Oeste’. Como consequência natural do contato cada vez mais cotidiano com falantes de português, um bom número de empréstimos de origem portuguesa tem sido incorporado ao léxico Karajá, designando objetos e práticas culturais adquiridos dos não índios, tais como [kõ'bra] ‘comprar’, [nie'ru] ‘dinheiro’ etc. Empréstimos deste tipo — em geral, facilmente identificáveis — foram objetos de estudos recentes, tais como Fialho (1998) e Borges (1998, 1999).

Há, porém, uma série de empréstimos, tomados a outras línguas indígenas, que não foram mencionados nos estudos anteriores. Tal situação se deve provavelmente ao fato de que estes empréstimos não são sincronicamente identificados como tais pelos falantes de Karajá. No entanto, mesmo uma breve comparação com listas lexicais de outras línguas indígenas revela que várias palavras em Karajá, referindo-se especialmente a itens da cultura material e plantas cultivadas, são de origem Tupí-Guaraní. Este artigo tem como objetivo principal descrever tais empréstimos e discutir suas prováveis origens. O estudo de tais palavras pode fornecer interessantes informações acerca da história dos Karajá, especialmente no que diz respeito aos contatos destes com falantes de outras línguas indígenas no passado. Além disso, a identificação de tais empréstimos ajuda a esclarecer fatos da fonologia do Karajá, explicando a existência de algumas aparentes exceções às regras fonotáticas da língua.

**2. Fonologia e diferenças dialetais.** Há pelo menos quinze vogais em Karajá, sendo doze orais e três nasais (Tabela 1), e pelo menos nove consoantes (Tabela 2).<sup>3</sup> A posição do acento é predizível, recaindo geralmente sobre a última sílaba da palavra. Os quatro dialetos compartilham basicamente o mesmo sistema fonológico, com apenas ligeiras diferenças. Em termos fonológicos, os dialetos podem ser divididos em dois grupos: de um lado, Karajá do Sul e Karajá do Norte e, do outro, Javaé e Xambioá.<sup>4</sup> As principais diferenças entre os dois grupos podem ser assim resumidas:

- (a) Karajá do Sul e do Norte apresentam um xuá, em sílabas átonas, correspondendo a ambientes em que Javaé e Xambioá apresentam uma vogal idêntica à vogal da sílaba seguinte.<sup>5</sup>

Karajá do Sul e do Norte	Javaé e Xambioá	
<i>bədi</i> [bə'di]	<i>bidi</i> [b'i'di]	'mel'
<i>kəbɔ</i> [kə'bɔ]	<i>kɔbɔ</i> [kɔ'bɔ]	'banheiro'
<i>-dəkə</i> [də'kə]	<i>-dəkə</i> [nə'kə]	'morfema causativo'

- (b) O padrão silábico é, em todos os quatro dialetos, (C)V. Contudo, sílabas CCV ocorrem foneticamente em Karajá do Sul e do Norte, como resultado da síncope de um xuá quando este aparece entre uma oclusiva e a aproximante /r/:<sup>6</sup>

Karajá do Sul e do Norte	Javaé e Xambioá	
<i>kəɔbi</i> [krə'bi]	<i>kɔɔbi</i> [kɔɔ'bi]	'macaco'
<i>kəɾe</i> [krɛ]	<i>kɾɾe</i> [kɾ'ɾe]	'martim-pescador'
<i>kəɾɔ</i> [krɔ]	<i>kɔɾɔ</i> [kɔ'ɾɔ]	'sapo'

O mesmo processo de síncope pode também atingir uma vogal precedida por consoante oclusiva e seguida por /r/ e outra vogal idêntica:

Karajá do Sul e do Norte	Javaé e Xambioá	
<i>kabɔɾɔɾɔ</i> [kabɔɾ'ɾɔ]	<i>kabɔɾɔɾɔ</i> [kabɔɾɔ'ɾɔ]	'jacaré-açu'
<i>daraθa</i> [dra'θa]	<i>daraθa</i> [dara'θa]	'a ação de tirar'

- (c) Em Karajá do Sul e do Norte, a oclusiva velar /k/ é palatalizada quando precedida pela vogal anterior alta [+ATR] /i/, tornando-se uma africada alveopalatal (cf. Ribeiro 2000: 87):

Karajá do Sul e do Norte	Javaé e Xambioá	
<i>rikoko</i> [ritʃ'o'ko]	<i>rikoko</i> [riko'ko]	'boneca de barro'
<i>ikɔɾɔ</i> [itʃ'ɔ'ɾɔ]	<i>ikɔɾɔ</i> [iko'ɾɔ]	'raposa'

**Tabela 1. Vogais do Karajá**

ORAIS			NASAIS		
ANTERIORES	CENTRAIS	POSTERIORES	ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR
<i>i</i>	<i>ɨ</i>	<i>u</i>	<i>ĩ</i>		
<i>ɪ</i>	<i>ɨ</i>	<i>ʊ</i>			
<i>e</i>	<i>ə</i>	<i>o</i>		<i>ɛ̃</i>	<i>õ</i>
<i>ɛ</i>	(ə)	<i>ɔ</i>			
	<i>a</i>			(ã)	

**Tabela 2. Consoantes do Karajá**

	BILABIAIS	DENTAIS/ALVEOLARES	ALVEOPALATAIS	VELAR	GLOTAL
OCCLUSIVAS SURDAS			(tʃ)	k	
OCCLUSIVAS SONORAS	b	d	(dʒ)		
IMPLOSIVA		d̥			

FRICATIVAS		$\theta$	(s, f)	h
LATERAL		l		
APROXIMANTES	w	r		

---

O inventário fonológico apresentado acima difere em vários aspectos dos inventários propostos em descrições anteriores (Fortune & Fortune 1963; Cavalcante 1992). No que diz respeito às vogais, a presente análise reconhece o contraste fonêmico entre as vogais altas [-ATR] /i/, /ĩ/ e /u/ e suas correspondentes [+ATR] /i/, /ĩ/ e /u/, uma fato que tem conseqüências interessantes para o estudo de fenômenos como harmonia vocálica e palatalização (cf. Ribeiro 2000). No que diz respeito às consoantes, os fones palatais [tʃ], [dʒ] e [ʃ]<sup>7</sup>, considerados fonemas por Fortune & Fortune e Cavalcante, têm status fonêmico questionável, uma vez que sua distribuição parece ser limitada a ambientes propícios à palatalização, tal como em contigüidade às vogais altas [+ATR] /i/, /ĩ/ e /u/. Como os exemplos abaixo demonstram, [θ] e [ʃ, s] estão claramente em *distribuição complementar*: [ʃ, s] ocorre em contigüidade às vogais /i/, /ĩ/ e /u/, enquanto [θ] ocorre nos demais ambientes (1). O mesmo condicionamento se aplica à distribuição das africadas: [tʃ] ocorre geralmente em distribuição complementar com a implosiva [d̥] (2), enquanto [dʒ] ocorre em distribuição complementar com a oclusiva sonora [d] ou a lateral [l] (3).<sup>8</sup>

- |     |                        |                 |            |
|-----|------------------------|-----------------|------------|
| (1) | [bɾθa] ‘arara amarela’ | [iʃa] ~ [iʃa]   | ‘cuia’     |
|     | [oθa] ‘esquecer-se’    | [ruʃa] ~ [ruʃa] | ‘cru’      |
| (2) | [dʊʊ] ‘tanga’          | [tʃuʊ]          | ‘sol’      |
|     | [kɔʔɪ] ‘fumo’          | [buʔʃi]         | ‘pote’     |
| (3) | [naʔɪ] ‘minha mãe’     | [ãdʒikuʔra]     | ‘mandioca’ |
|     | [wɛʔɔ] ‘chefe’         | [hoʔdʒu]        | ‘vara’     |

Além disso, as consoantes nasais [m] e [n], tratadas como fonemas por Cavalcante, são de fato alofones das oclusivas sonoras /b/ e /d/, ocorrendo sempre antes de vogais nasais ou da vogal baixa /a/.<sup>9</sup> Esta variação alofônica é ilustrada pelos exemplos abaixo, envolvendo os prefixos verbais *b-* ‘segunda pessoa’ e *d-* ‘direção centrípeta’:<sup>10</sup>

- |     |    |                        |              |
|-----|----|------------------------|--------------|
| (4) | a. | b-Ø-Ø-obi=kəre         | [boʔbikre]   |
|     |    | 2-CTFG-INTR-ver=FUT    |              |
|     |    | ‘Você vai ver.’        |              |
|     | b. | b-Ø-Ø-õrõ=kəre         | [mõʔrõkre]   |
|     |    | 2-CTFG-INTR-dormir=FUT |              |
|     |    | ‘Você vai dormir.’     |              |
|     | c. | b-Ø-a-rika=kəre        | [mariʔʃakre] |
|     |    | 2-CTFG-INTR-andar=FUT  |              |
|     |    | ‘Você vai andar.’      |              |

- (5) a. Ø-d-Ø-obi=d-e [do'bide]  
3-CTPT-INTR-ver=CTPT-IMPERF  
'Ele viu.'
- b. Ø-d-Ø-õrõ=d-e [nõ'rõde]  
3-CTFP-INTR-dormir=CTPT-IMPERF  
'Ele dormiu.'
- c. Ø-d-ã-rika=d-e [nari'tjade]  
3-CTPT-INTR-andar=CTPT-IMPERF  
'Ele andou.'

A língua apresenta diferenças sistemáticas entre as falas masculina e feminina. Quando necessário, dados de ambas as falas serão identificados pelos símbolos ♀ 'fala feminina' e ♂ 'fala masculina'. A fala feminina pode ser considerada a mais conservadora. Formas na fala masculina são geralmente caracterizadas pela omissão de uma oclusiva velar que ocorre na forma feminina correspondente (♀ *kɔhã* 'tatu' > ♂ *ɔhã*). Como veremos, este processo é bastante produtivo, aplicando-se até mesmo a empréstimos.

**3. Língua Geral.** Alguns dos empréstimos Tupí-Guaraní em Karajá referem-se a itens adquiridos através do contato com a população não índia, tais como 'enxada', 'arma de fogo' e 'sal'. A origem Tupí-Guaraní destas palavras é facilmente comprovável através da comparação com o vocabulário da 'Língua Geral Brasileira' publicado por Martius (1867: 23-97)<sup>11</sup> e com dados do Tapirapé. Note-se que estes empréstimos são totalmente adaptados às características prosódicas (acento fixo na última sílaba) e fonológicas do Karajá:

	<b>Karajá</b>	<b>Língua Geral</b>	<b>Tapirapé</b> <sup>12</sup>	
(6)	<i>burure</i> [brʉrɛ], [burʉrɛ]	<i>pororé</i>	<i>xýpororé</i>	'enxada'
(7)	<i>bãkawa</i> [mãka'wa], ♂ <i>bãawa</i>	<i>mocába</i>	<i>makãwã</i>	'arma de fogo'
(8)	<i>dzikira</i> [dzɨkɨra], ♂ <i>dzira</i>	<i>jukýra</i>	<i>xokýrã</i>	'sal'
(9)	<i>kɔbãda</i> [kɔmã'da], ♂ <i>ɔbãda</i>	<i>comandá</i>	<i>komanã</i>	'feijão'

Tais empréstimos foram adotados provavelmente nos primeiros anos do contato. Ainda que cognatos destas palavras também ocorram em Tapirapé, é pouco provável que tais itens tenham sido adquiridos pelos Karajá por intermédio destes seus vizinhos ou de outros povos indígenas. De fato, ocupantes das margens do Araguaia, a principal via de acesso àquela região, eram os Karajá que agiam como intermediários entre brancos e índios de outras etnias, tais como os Tapirapé.<sup>13</sup> Portanto, é bastante razoável supor que tais empréstimos tenham sido obtidos diretamente dos brancos ou mamelucos falantes de uma das línguas gerais então amplamente usadas no Brasil, a Língua Geral Paulista, ao sul, e a Língua Geral Amazônica (Nheengatú), ao norte.

Uma vez que os primeiros brancos a estabelecerem contato com os Karajá foram provavelmente bandeirantes provenientes de São Paulo, falantes de Língua Geral Paulista, é possível que esta língua tenha sido a fonte dos empréstimos aqui discutidos.<sup>14</sup> Contudo, não se deve descartar a hipótese de que pelo menos parte destes empréstimos tenha vindo da Língua Geral Amazônica.<sup>15</sup> De fato, as primeiras incursões do colonizador em território

Karajá se deram a partir de duas frentes principais, os bandeirantes paulistas, ao sul, e os padres jesuítas da província do Pará, ao norte. Como aponta Palacin (1972), ambos, bandeirantes e jesuítas, estavam à procura de índios para o trabalho escravo ou para prover de ‘almas’ as missões no norte (onde certamente se falava a Língua Geral Amazônica):

“Voltados principalmente para o sul, para as missões jesuíticas, mais densas de população indígena, [os bandeirantes] não deixaram, por isso, de percorrer o norte e o leste em suas expedições escravagistas. Em Goiás as bandeiras chegaram a familiarizar-se com regiões tão distantes como o *médio Araguaia — ilha do Bananal — e confluência com o Tocantins*. (...)”

A penetração durante o século XVII, *partindo do Pará e subindo o Tocantins e o Araguaia*, deveu-se principalmente aos missionários. Como os bandeirantes, os jesuítas também iam à busca de índios. Como eles, tampouco se fixaram em território goiano. Procuravam tão só “descer” as tribos para suas aldeias do Pará, sempre necessitadas de transfusões de sangue nôvo, para compensar as contínuas baixas.” [Palacin 1972: 16-17; grifos nossos]

É provável que mesmo alguns empréstimos de origem portuguesa tenham ingressado no léxico Karajá por intermédio de uma outra língua indígena, muito provavelmente a mesma Língua Geral de onde provieram alguns dos exemplos mencionados acima. É o caso de *kawaru* ‘cavalo’ e *bãbera* ‘papel’<sup>16</sup>:

	Karajá	Língua Geral	Tapirapé	
(10)	<i>kawaru</i> [kawa'ru], ♂ <i>awaru</i>	<i>cabarû</i>	<i>kawaró</i>	‘cavalo’ <sup>17</sup>
(11)	<i>babera</i> [mabe'ra]	<i>papéra</i>	(‘ywyràpé)	‘papel’

Tal hipótese nos é claramente sugerida pelas características fonológicas destas palavras. Em *kawaru*, tem-se uma aproximante bilabial /w/ correspondendo a uma fricativa labiodental /v/ no original português. Esta correspondência seria, porém, um caso excepcional se tal empréstimo tivesse sido transferido diretamente do português ao Karajá. Em geral, em empréstimos do português, as consoantes labiodentais /f/ e /v/ são substituídas pela oclusiva bilabial sonora /b/: *kadibedî* [kanibe'dî] ‘canivete’, *kabe* ‘café’, *bosaka* ‘fósforo’ etc. Note-se que em Karajá não existe a oclusiva bilabial surda, que também é substituída por /b/ em empréstimos: *bodî* ‘pote’. Além disso, /b/ é sempre nasalizado antes de /a/ no léxico nativo do Karajá, o que explica a ocorrência do alofone [m] no começo da palavra [mabe'ra]. A última vogal em [mabe'ra] é provavelmente o ‘sufixo onomástico’ Tupí-Guaraní, que é em geral inserido em empréstimos portugueses terminados em consoante, tal como *funíra* ‘funil’ (Martius *op. cit.*, 49).

**4. Tapirapé.** Empréstimos tais como ‘sal’, ‘arma de fogo’ e ‘enxada’ sugerem claramente uma situação de contato entre os Karajá e brancos ou mestiços falantes de Língua Geral. Contudo, é razoável supor que nem todos os empréstimos Tupí-Guaraní tenham vindo da mesma fonte. Isto é claramente indicado pela existência do par *kobãda* ‘feijão’ e *kobãdawira* ‘feijão andu’. As diferenças entre *kobãda* e a primeira parte de *kobãdawira*, que são evidentemente cognatos, sugerem que estas formas tenham vindo de diferentes línguas Tupí-Guaraní. Uma provável origem deste último empréstimo é a língua dos Tapirapé, povo Tupí-Guaraní que vive próximo à aldeias Karajá do Norte na região da barra do Rio Tapirapé (Mato Grosso) e que historicamente tem mantido relações ora hostis, ora pacíficas, com os Karajá.<sup>18</sup> Outro provável empréstimo Tapirapé é *adõdã* [anõ'na] ‘abacaxi’:

	<b>Karajá</b>	<b>Tapirapé</b>	
(12)	<i>kɔbɔdãwira</i> [kɔmɔ̃nawɪra], ♂ <i>ɔbɔdãwira</i>	<i>komanã'ywyra</i>	'feijão andu' <sup>19</sup>
(13)	<i>adôdã</i> [anõ'na], ♂ <i>aôdã</i> <sup>20</sup>	<i>anonã</i>	'abacaxi'

Além disso, há dois cestos cujos nomes são comuns ao Karajá e ao Tapirapé. O cesto de carregar às costas, de uso masculino, é chamado *behira* em Karajá e *pehyra* em Tapirapé. Um outro cesto, usado para guardar pequenos objetos, é chamado *wərabahi* [wərabahi] em Karajá e *anampahé* em Tapirapé (Baldus 1970, 261; *anãpa'é*, na transcrição de Neiva Praça). Quanto ao cesto cargueiro, Baldus sugere que “o termo usado pelos Tapirapé parece provir do Karajá, pois difere das designações para cesto de carga dos outros Tupí.” Tal hipótese é reforçada pelo fato de que, segundo Baldus, os Karajá demonstram maior destreza em sua fabricação. Baldus parece sugerir o mesmo com relação ao *wərabahi* Karajá e *anampahé* Tapirapé: “Talvez haja parentesco entre êsses termos. Pelo que sei, *anampahé* não existe em outra língua Tupí.” O último trecho da citação sugere que o nome do ‘cesto para guardar pequenos objetos’ tenha sido emprestado do Karajá para o Tapirapé. Contudo, o nome do cesto também não parece ser de origem Karajá, uma vez que o léxico nativo desta língua não apresenta [b] antes de /a/, como vimos acima. É, portanto, possível que tal palavra, caso seja um empréstimo, provenha de uma terceira língua. O uso e fabricação deste cesto não é restrito aos Karajá e Tapirapé: Nimuendaju (1983: 75) descreve cesto idêntico em uso entre os Apinajé, por exemplo.<sup>21</sup>

Um outro provável empréstimo é *tfakohi* (♂ *tfaohi*), termo que designa um dos espíritos mascarados dos rituais Karajá, chamados genericamente de *idzaθo*, ‘aruanã’. Entre os Tapirapé, Baldus menciona uma dança de máscaras chamada *chankuí*<sup>22</sup>, representando o pássaro jacu, que parece ser comum também aos índios Tupí-Guaraní do Xingu:

“Os Tapirapé dão importância especial às danças de máscaras do *chankuí*, isto é, ‘jacuí’ ou ‘jacuzinho’, e do *iranchá*, um peixe. Karl von den Steinen, tratando das danças de máscaras dos índios das cabeceiras do Xingu, escreve que a dança do jacuí (‘yakuí’) é a ‘dança original’ dos Auetö (Awetí) e Kamayurá, isto é, das tribos tupí da bacia do Culuene, portanto da parte oriental daquela região separada do território tapirapé pelo divisor das águas do Xingu e do Araguaia.” [Baldus 1970: 54]

Entre os Karajá, a máscara *tfakohi* representaria o peixe pacu, o boto e o filhote, segundo Lima Filho (1994: 42). Mas, apesar das diferenças óbvias no significado atribuído às máscaras entre os Karajá e entre os povos de língua Tupí-Guaraní, o termo é claramente um empréstimo de uma destas últimas ao Karajá. Provam-no as características fonológicas desta palavra: em Karajá, [tʃ] ocorre apenas em contigüidade às vogais [+altas, +ATR] /i/, /ɨ/ e /u/, como em *itʃdɛ* ‘louco’ e *tʃuu* ‘sol’. A constatação de que *tfakohi* é, de fato, um empréstimo explica uma aparente exceção às regras fonotáticas da língua e, por outro lado, fornece um raro exemplo de provável transferência cultural dos Tapirapé para os Karajá.<sup>23</sup>

Como outros povos Tupí-Guaraní, os Tapirapé têm na agricultura a sua principal fonte de subsistência, contrastando assim com os Karajá, que “vivem principalmente da pesca, que para eles tem muito mais importância do que a caça de animais terrestres, de aves e a lavoura” (Baldus 1970: 66).<sup>24</sup> Não é por acaso que alguns dos empréstimos aqui descritos referem-se a nomes de plantas domesticadas. Além dos exemplos descritos acima, os termos para ‘banana’ em Karajá e Tapirapé também apresentam notável semelhança. É o

que aponta Baldus (*op. cit.*: 28): “Com referência à denominação da banana posso dizer que os Tapirapé designam, genêricamente, as bananas cultivadas com o termo *chatá* ou *tatá*, que se parece com a palavra karajá indicativa das mesmas frutas: mas chamam a ‘banana brava’ de *paankuá*.” Esta última palavra é cognata com o termo para ‘banana’ usado na maioria das línguas Tupí-Guaraní (Tupinambá *pakoβa*, Kamaiurá *pa’akop* (Seki 2000: 463) etc.), sendo reconstruível em Proto-Tupí-Guaraní (Balée & Moore 1991: 217).

Em Karajá, o termo para ‘banana cultivada’ a que Baldus se refere é *idzadã*, enquanto o termo para ‘banana brava’ é *wadure*. Em princípio, é bastante razoável supor que a palavra Tapirapé para ‘banana’ seja um empréstimo de origem Karajá, tal como Baldus parece sugerir. Note-se, no entanto, que termo provavelmente cognato com o Tapirapé *chatá* ocorre também em pelo menos uma outra língua Tupí-Guaraní, o Assuriní do Tocantins (ou do Trocará), que pertence ao mesmo subgrupo da família Tupí-Guaraní a que pertence o Tapirapé (junto com o Avá-Canoeiro e o grupo de dialetos Tenetehara; Rodrigues 1984/5). Nesta língua, o termo para ‘banana’ é *sata*, onde a letra *s* representa um fonema cuja pronúncia varia entre [tʃ] e [ʃ] (Nicholson 1978: 2), correspondendo sistematicamente ao *x* /tʃ/ do Tapirapé: Assurini *sakare* ‘jacaré’, Tapirapé *xākārē* etc.

Outra palavra comum ao Tapirapé e ao Karajá é a denominação para ‘homem branco’ (*dori* em Karajá, *tori* em Tapirapé), que Baldus (1970: 39) sugere ser de origem Karajá: “Tapirapé e Karajá chamam os brancos de *torí*. Deve ser palavra karajá pois, pelo que sei, não existe com êsse significado em outras línguas tupí.” Mais uma vez, palavra semelhante também ocorre em Assurini do Tocantins: *toria* ‘civilizado’ (Nicholson *op. cit.*: 43, 69, 88). Considerando-se o fato de que tais palavras não parecem ocorrer em outros subgrupos da família Tupí-Guaraní, é bastante provável que sua origem seja, enfim, o Karajá; o vocábulo teria ingressado no Assurini por intermédio do Tapirapé. O fato de que a palavra para ‘homem branco’ nestas línguas Tupí-Guaraní é de origem Karajá corrobora a tese de que esta tribo teria agido como intermediária entre brancos e outras tribos da região.

Outros prováveis empréstimos de origem Tapirapé são *harara* ‘arara azul’ (Tapirapé *arana*, segundo Baldus: *arára*, segundo Neiva Praça) e *darawe* ‘curica’ (Tapirapé *taraweo*, segundo Eunice de Paula).<sup>25</sup> Como lembra Baldus (*op. cit.*: 184), filhotes de arara “constituíram um dos principais artigos de permuta” entre os Karajá e os Tapirapé. Sobre a natureza e importância desse intercâmbio, Baldus escreve: “Aliás, êste comércio pelo qual a tribo tupí recebeu ferramentas em troca de araras amansadas, urucu, rêdes, tembetás de quartzo e outros produtos de sua indústria, era, naturalmente, de importância decisiva para a aquisição do sustento, principalmente pelo papel que as ferramentas desempenham na lavoura.”

**5. Outras fontes.** Além do Tapirapé e das Línguas Gerais, é possível que alguns empréstimos tenham vindo de outras línguas Tupí-Guaraní. Uma destas palavras é *hākuri* ‘cutia’, ♂ *hāuri* (Martius *op. cit.* 434-5, *acuti*, *aguti*). Caso seja realmente um empréstimo, sua origem certamente não é o Tapirapé. A forma Tapirapé — *ankuchí*, de acordo com Baldus (*op. cit.*, 210) — apresenta uma africada alveopalatal na última sílaba. É mais provável que a forma na língua de origem tivesse uma consoante alveolar nessa posição. É ainda menos provável que tal palavra tenha vindo de uma das línguas gerais, por razões óbvias: cutias não estariam entre os itens adquiridos pelos Karajá no contato com os brancos e mestiços.

Um exemplo *suis generis* de empréstimo Tupí-Guaraní ao Karajá ocorre em um mito, comum aos quatro grupos Karajá, que conta a história do ‘namoro’ entre as mulheres de uma aldeia e um jacaré. Basicamente, o enredo da história é o seguinte: fingindo que vão apanhar pequi, as mulheres vão para a margem do rio e chamam o jacaré, gritando: *dzakare dzakare wõ!* O jacaré lhes dá peixe e, em troca, é carinhosamente tratado pelas mulheres, até que os maridos destas descubrem a respeito da traição e, em vingança, matam o jacaré. As mulheres, então, após lutarem contra os homens, cortam os seus próprios seios e se atiram no rio, transformando-se em botos. O nome Karajá para ‘jacaré-açu’ é *kabɔrɔrɔ*, enquanto o termo para ‘jacaretinga’ é *kɔrɛra*. Durante toda a narrativa, o termo *kabɔrɔrɔ* é usado para se referir ao jacaré. O empréstimo Tupí-Guaraní *dzakare*<sup>26</sup> ocorre apenas na fórmula vocativa usada pelas mulheres para chamar o jacaré.

O uso deste termo sugere que o mito foi adquirido pelos Karajá de um outro povo indígena, falante de uma língua Tupí-Guaraní. O empréstimo *dzakare* teria sido preservado como parte de uma expressão formulaica, cristalizada. Resta determinar a origem de tal empréstimo. Tal mito não parece existir entre os Tapirapé, segundo Eunice e Luiz de Paula (comunicação pessoal).<sup>27</sup> Uma hipótese a se considerar é a de que alguns dos empréstimos discutidos aqui tenham sido adquiridos através de contatos entre os Karajá e povos do Xingu. Baldus (1938) sugere que tenha havido contatos mais intensos entre os povos do Araguaia e os do Xingu no passado, como sugerido pela existência de vários elementos culturais compartilhados pelos Karajá e povos xinguanos. Entre os traços culturais comuns aos Karajá e aos povos do Xingu, citam-se o uso ritual do propulsor de dardos (Galvão 1976: 349-50; Ehrenreich 1948: 46) e a luta *idzεθu* dos Karajá, similar ao *huka-huka* do Xingu (Lima Filho *op. cit.*: 174). De fato, Agostinho (1974: 187-189) descreve um mito Kamaiurá, ‘Origem do pequi’, que se assemelha bastante ao mito Karajá em questão. Note-se que o termo Kamaiurá para ‘jacaré’ é *jakare*, onde *j* representa uma semiconsoante palatal (Seki *op. cit.*: 409, 457). O mesmo mito é também encontrado entre outros povos xinguanos, tais como os Kalapalo, povo Karib do Alto Xingu (Basso 1973:34).

Outra palavra Karajá de provável origem Tupí-Guaraní é *karalahu* [krala'hu], termo com que os Karajá designam os Kayapó. Prováveis cognatos deste etnônimo aparecem também em Apinajé, por exemplo, e em relatos históricos sobre antigos habitantes do Centro-Oeste. Segundo Nimuendaju (*op. cit.*, 91), a tradição Apinajé “menciona como antigos inimigos, ao Sudoeste, os Kradaú-ya (Gradaú), afirmando expressamente que não eram idênticos aos Kayapó Setentrionais.” O mesmo termo aparece também em relatos históricos, tais como os do padre Luís Antônio da Silva e Sousa (1849[1812]: 496), que menciona Gradaú como o nome de um dos grupos tribais que viviam nas proximidades da Ilha do Bananal na segunda metade do século XVIII e princípios do século XIX. Cunha Mattos (1874[1824]: 361), por sua vez, situa os Gradaús “junto à Cachoeira de Santa Maria”, no Baixo Araguaia.

É provável que, em última instância, este etnônimo também seja de origem Tupí-Guaraní, tendo porém ingressado em Karajá através de uma língua não-Tupí-Guaraní, talvez o próprio Apinajé.<sup>28</sup> Cumpre notar que os Tapirapé referem-se aos Kayapó como *kananchahó*, um composto envolvendo a raiz *kananchá*, denominação Tapirapé para os Karajá, e um sufixo aumentativo (Baldus 1970: 56; *karãxã'o*, segundo Neiva Praça). Dadas as semelhanças fonológicas entre as denominações para os Kayapó em Tapirapé, Karajá e Apinajé, é razoável supor que todas tenham a mesma origem. Em resumo, *karalahu* seria etimologicamente resultante da combinação entre a raiz para ‘guariba’ e o sufixo



umentativo na língua Tupí-Guaraní de origem, seja esta qual for. Assim, curiosamente, é bastante provável que o termo pelo qual os Karajá se referem aos Kayapó seja etimologicamente relacionado com o termo que os brasileiros (bem como outras tribos indígenas) usam para se referir aos próprios Karajá.

**6. ‘Antigüidade’ e faixa etária.** Muitos dos empréstimos listados acima parecem ter sido adotados relativamente cedo, quando em comparação com a maioria dos empréstimos de origem portuguesa hoje existentes em Karajá. Empréstimos mais antigos, incorporados ao léxico Karajá antes que os falantes desta língua tivessem o grau de familiaridade com a língua portuguesa que manifestam hoje em dia, tendem a apresentar adaptações fonológicas mais radicais. Assim, no empréstimo *bãbera* [mabe'ra] ‘papel’ tem-se uma adaptação completa não apenas ao inventário fonológico do Karajá, como também às regras fonotáticas desta língua, que desfavorecem a ocorrência de [b] antes da vogal baixa /a/.

Tal restrição quanto à ocorrência dos alofones orais [b] e [d] antes de /a/ parece ter sido plenamente obedecida em empréstimos mais antigos, tais como [mabe'ra]. Assim, Brito Machado (1947: 83) registra *amaritó* ‘(teu) paletó’, em que a oclusiva bilabial surda /p/ do português é substituída pelo alofone nasal da oclusiva bilabial sonora /b/ em Karajá. No entanto, tal regra não se aplica a empréstimos mais recentes, como *barəku* [barəku] ‘barco’. Diferentes graus de adaptação podem co-existir, variando de acordo com a faixa etária do falante. Assim, uma Karajá de São Domingos (Karajá do Sul), de aproximadamente sessenta anos de idade, usa *sɔladu* ‘soldado’, mais em consonância com os padrões fonotáticos do Karajá (que permite a ocorrência de /l/ antes de /a/, como em *lahr* ‘avó’ e *kuladu* ‘criança’), enquanto seus filhos preferem a forma *sɔdadu*, mais próxima do original português. O mesmo ocorre com o empréstimo para ‘pão’, pronunciado [ma'õ] por falantes mais velhos e [ba'õ] pelos mais jovens. Assim, o grau de bilingüismo, maior entre os mais jovens, tende a desempenhar papel fundamental no grau de adaptação de um dado empréstimo.<sup>29</sup>

**7. Empréstimo e fonogênese.** Como vimos, empréstimos como *tfakohi* e *wərabahí* introduzem estruturas fonológicas alheias ao léxico nativo do Karajá. O mesmo ocorre com empréstimos do português, como *kasasa* ‘caçaça’ e *barəku* ‘barco’. Embora o fone [s] ocorra no vocabulário nativo do Karajá, vimos que sua distribuição é fonologicamente condicionada: [s] geralmente ocorre apenas em contigüidade a /i/ ou /u/, como em [i'sa ~ i'ja] ‘cuia’ e [ru'sa ~ ru'ja] ‘cru’, enquanto a fricativa interdental [θ] ocorre nos demais ambientes. Ambos são, assim, alofones em distribuição complementar. O mesmo condicionamento se aplica à distribuição de [d'] e [tʃ], alofones em distribuição complementar do fonema /d/. O mesmo pode ser dito ainda com relação a [m] e [n], que ocorrem em distribuição complementar com [b] e [d], respectivamente: [m] e [n] ocorrem antes de vogais nasais e da vogal baixa /a/, enquanto [b] e [d] ocorrem nos demais ambientes.

Contudo, exemplos como *kasasa* e *barəku* ampliam as possibilidades de ocorrência de alofones outrora predizíveis, perturbando o condicionamento fonológico anteriormente existente. Assim, em empréstimos mais recentes, não só pode [b] ocorrer antes de /a/, como em [ba'õ] ‘pão’, como também as nasais [m] e [n] podem ocorrer antes de vogais que não têm correspondentes nasais em Karajá, como em *benera* [bene'ra] ‘peneira’ (Borges 1999: 3). Empréstimos, assim, abrem caminho para que um determinado alofone adquira *status*

fonêmico na língua-alvo. Ainda que empréstimos do português possam ser ainda identificados como ‘estrangeiros’, dada a convivência entre o original português e o empréstimo, o mesmo não pode ser dito a respeito dos empréstimos de outras línguas indígenas aqui discutidos. Empréstimos tomados a outras línguas indígenas, como *tfakohi*, diferem de empréstimos do português por serem sincronicamente considerados como parte do léxico nativo do Karajá. Neste sentido, empréstimos ‘opacos’ (ou seja, não identificados como empréstimos pelos falantes do Karajá) podem ter um impacto ainda maior em processos de mudança fonológica na língua.

**8. Considerações finais.** Os empréstimos descritos neste artigo constituem interessantes evidências lingüísticas acerca de contatos históricos entre os Karajá e povos falantes de línguas Tupí-Guaraní no passado, incluindo os primeiros brancos a penetrarem a região do Araguaia, falantes de Língua Geral. Os Karajá tradicionalmente ocupam uma região de transição ecológica e etnográfica entre o cerrado e a Amazônia, circunstância que deve ter favorecido o intercâmbio de traços lingüísticos e culturais com povos de línguas e culturas diversas. Além dos contatos óbvios com seus vizinhos Tapirapé e com falantes de Língua Geral, é provável que contatos intensos com a região do Xingu tenham ocorrido no passado, hipótese que certamente merece ser cuidadosamente examinada à luz de dados adicionais.<sup>30</sup> Longe de ter um caráter definitivo, a discussão quanto à origem destes empréstimos aqui apresentada tem por objetivo principal levantar hipóteses a serem levadas em consideração em futuros estudos acerca da história e etnografia Karajá.

**Abstract.** This paper describes several borrowings of Tupí-Guaraní origin in Karajá, a Macro-Jê language spoken in Central Brazil. These loanwords include terms for animals and cultivated plants, as well as words naming items such as ‘hoe’ and ‘firearm,’ acquired through contact with the Portuguese and their descendants. Interestingly, there is also one Tupí-Guaraní loanword referring to a ceremonial mask, an area in which the Karajá are traditionally seen as exporters. The Karajá traditional habitat—the Araguaia River and, particularly, the Bananal Island—is a cultural, geographical, and ecological intermediate between the savanna (the Central Plateau) and the rainforest (the Amazon), a location that may have favored the exchange of cultural and linguistic features with peoples from both regions. Thus, besides the obvious contacts with their Tapirapé neighbors and with speakers of Língua Geral (a Tupí-Guaraní language used as *lingua franca* in the first centuries of the colonization of Brazil), this paper suggests that some of these loanwords may also be a result of pre-Columbian contacts with Tupí-Guaraní-speaking tribes of other regions, such as the Xingu River.

**Keywords:** Karajá, Macro-Jê, Tupí-Guaraní borrowings

### Referências bibliográficas:

- AGOSTINHO, Pedro. 1974. *Kwarip: Mito e Ritual no Alto Xingu*. São Paulo: EPU/EDUSP.
- BALDUS, Herbert. 1938. Uma ponte etnográfica entre o Xingu e o Araguaia. *Revista do Arquivo Municipal*, vol. XLII.
- BALDUS, Herbert. 1970. *Os Tapirapé, Tribo Tupí no Brasil Central*. Série Brasileira. São Paulo: Cia. Editora Nacional/Editora da Universidade de São Paulo.
- BALÉE, William e Moore, Denny. 1991. Similarity and variation in plant names in five Tupi-Guarani languages (Eastern Amazonia). *Bulletin of the Florida Museum of Natural History*, 35.4.209-262. Gainesville: University of Florida.
- BASSO, Ellen. 1973. *The Kalapalo Indians of Central Brazil*. New York: Holt, Rinehart and Winston.

- BORGES, Mônica Veloso. 1998. O empréstimo como mecanismo de ampliação lexical. *Revista do Museu Antropológico*, v. 2, número 1, pp. 135-150. Goiânia: Editora da UFG.
- BORGES, Mônica Veloso. 1999. Empréstimos do português ao Karajá.. Artigo apresentado no XLVII Seminário do GEL (Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo). Bauru: Universidade do Sagrado Coração.
- BRITO MACHADO, Otton Xavier de. 1947. *Os Carajás (Inan-Son-Uéra)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- BUARQUE DE HOLLANDA, Sérgio. 1969. *Raízes do Brasil*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.
- CAVALCANTE, Marita Pôrto. 1992. Fonologia do Karajá. *Revista do Museu Antropológico*, v. 1, pp. 63-76. Goiânia: Editora da UFG.
- EHRENREICH, Paul. 1948 [1891]. Contribuições para a Etnologia do Brasil. *Revista do Museu Paulista*, Nova Série, Vol. II.
- FIALHO, Maria Helena Souza da Silva. 1998. Neologismos em Karajá. Dissertação de especialização. Rio de Janeiro: UFRJ.
- FONSECA, José Pinto. 1867 [1775]. Cópia da carta que o alferes José Pinto da Fonseca escreveu ao Exmo. General de Goyazes, dando-lhe conta do descobrimento de duas nações de índios, dirigida do sítio onde portou. *Revista Trimensal de Historia e Geographia*, Tomo VIII, pp. 376-390.
- FORTUNE, David e Fortune, Gretchen. 1963. The phonemes of the Karajá language (manuscrito). Rio de Janeiro: Arquivo Lingüístico do Museu Nacional.
- FORTUNE, David. 1973. Gramática Karajá: um estudo preliminar em forma transformacional. *Série Lingüística* 1. Brasília: SIL.
- GALVÃO, Eduardo e Wagley, Charles. 1948. The Tapirapé. In Steward, J. H., *Handbook of South American Indians*, v. 3, 167-178. Washington: Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology.
- GALVÃO, Eduardo. 1976. O uso do propulsor entre as tribos do Alto Xingu. In Schaden, Egon (ed.), *Leituras de Etnologia Brasileira*, p. 349-362. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- LIMA FILHO, Manuel Ferreira. 1994. *Hetohoky: Um Rito Karajá*. Goiânia: Editora da UCG.
- LIPKIND, William. 1948. The Carajá. In Steward, J. H., *Handbook of South American Indians*, v. 3, 179-191. Washington: Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology.
- MARTIUS, Karl Friedrich Philip von. 1867. *Glossaria linguarum Brasiliensium*, Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas zumal Brasiliens, II. Leipzig: Friedrich Fleischer.
- MATTOS, Raymundo José da Cunha. 1874-1875[1824]. Chorographia historica da provincia de Goyaz. *Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, Tomo XXXVII, Vol. 2, p. 213-398; Tomo XXXVIII, Vol. 1, p. 5-149. Rio de Janeiro: B. L. Garnier.
- MCMAHON, April. 1994. *Understanding Language Change*. Cambridge University Press.
- NIMUENDAJU, Curt. 1983. *Os Apinajé*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi.
- NICHOLSON, Velda. 1978. *Aspectos da Língua Assuriní*. Brasília: SIL.
- PALACIN, Pe. Luiz. 1972. *Goiás (1722/1822): Estrutura e Conjuntura numa Capitania de Minas*. Goiânia: Departamento Estadual de Cultura.

- RIBEIRO, Eduardo R. 1996. Morfologia do verbo Karajá. Dissertação de Mestrado. Goiânia: Universidade Federal de Goiás.
- RIBEIRO, Eduardo R. 2000. [ATR] vowel harmony and palatalization in Karajá. *Santa Barbara Papers in Linguistics, Vol. 10: Proceedings of WAIL 2000*, p. 80-92. Santa Barbara: University of California.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. 1984/5. Relações internas na família lingüística Tupi-Guaraní. *Revista de Antropologia*, 27/28.33-53.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. 1986a. *Línguas Brasileiras: para o Conhecimento das Línguas Indígenas*. São Paulo: Edições Loyola.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. 1986b. Silêncio, pausa e nasalização. In *Anais do 8º Encontro Nacional de Lingüística*, 153-159. Rio de Janeiro.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. 1996. As línguas gerais sul-americanas. *Papia, Revista de Crioulos de Base Ibérica* 4(2).6-18.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. 1944. *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás*. Tomo segundo. Série Brasileira. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional.
- SEKI, Lucy. 2000. *Gramática do Kamaiurá, Língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Campinas: Editora da Unicamp.
- SOUSA, Luiz Antonio da Silva e. 1849[1812]. Memoria sobre o descobrimento, governo, população e cousas mais notaveis da Capitania de Goyaz. *Revista Trimensal de História e Geografia*, Tomo XII, vol. 4, p. 429-510. Rio de Janeiro: Typ. de João Ignacio da Silva.
- WAGLEY, Charles. 1976. Xamanismo Tapirapé. In Schaden, Egon (ed.), *Leituras de Etnologia Brasileira*, p. 236-267. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

<sup>1</sup> Estudante de doutorado na Universidade de Chicago, bolsista do CNPq (Processo 200018/98-1) e da Fundação Wenner-Gren para Estudos Antropológicos (Nova Iorque, EUA) e pesquisador da Seção de Etnolingüística do Museu Antropológico da UFG. Os dados nos quais o presente artigo se baseia foram coletados em várias viagens a campo entre 1996 e 1998, período em que o autor trabalhou como bolsista de Desenvolvimento Científico Regional do CNPq (Processo 3000780/96-6) na Divisão de Lingüística do Museu Paraense Emílio Goeldi (Belém, PA). O trabalho de campo não teria sido possível sem a colaboração da Fundação Nacional do Índio. Também essenciais foram as colaborações dos lingüistas Walkíria Neiva Praça e Eunice e Luís de Paula, especialistas na língua Tapirapé, que ajudaram a esclarecer vários pontos do presente estudo. O autor gostaria de expressar sua gratidão para com estes indivíduos e instituições. Agradecimentos especiais são devidos aos *idã*, por sua generosa hospitalidade.

<sup>2</sup> A língua Karajá (Macro-Jê) tem quatro dialetos (Karajá do Sul, Karajá do Norte, Javaé e Xambioá), que são mutuamente inteligíveis. A língua é falada ao longo do Rio Araguaia, desde Aruanã, Goiás, até o município de Santa Fé do Araguaia, no Tocantins, por cerca de três mil indivíduos. Os empréstimos discutidos no presente artigo são comuns aos quatro dialetos, com a exceção de *bãbera* [mabe'ra] 'papel', que ocorre apenas em Xambioá. Os Karajá se auto-denominam *idã* [i'nã] 'gente'. O nome 'Karajá', pelo qual os brancos se referem à maior parte dos *idã* desde os primeiros contatos, é de origem Tupi-Guaraní (*caraya*, Martius *op. cit.*, 444), significando 'guariba'. Abreviações usadas: ATR 'advanced tongue root'; CTFG 'direção centrífuga'; CTPT 'direção centrípeta'; FUT 'futuro'; IMPERF 'imperfectivo'; INTR 'intransitivo'; TRANS 'transitivo'.

<sup>3</sup> Nas tabelas, símbolos entre parênteses representam fones cujo *status* fonêmico é questionável.

<sup>4</sup> As principais diferenças entre Karajá do Sul e Karajá do Norte dizem respeito à morfologia verbal, além de algumas diferenças lexicais. Por exemplo, enquanto o Karajá do Sul apresenta dupla marcação de direção centrípeta na primeira pessoa do modo realis, os demais dialetos (incluindo o Karajá do Norte) apresentam apenas uma marca de direção:

a. **Karajá do Sul**

b. **Demais dialetos**

<i>nadiwjde</i>	<i>adiwjde</i>
<i>d-ã-d-1-wi=d-e</i>	<i>ã-d-1-Ø-wi=d-e</i>
CTPT-1-CTPT-TRANS-carregar=CTPT-IMPERF	1-CTPT-TRANS-3-carregar=CTPT-IMPERF
‘Eu o trouxe.’	‘Eu o trouxe.’

<sup>5</sup> A ortografia Karajá atualmente em uso, elaborada pelos Fortune, reflete mais fielmente a fonologia do Xambioá e do Javaé, ignorando a existência do xuá em Karajá do Sul e do Norte. Assim, as palavras para ‘mel’ e ‘banheiro’ são respectivamente grafadas como *bidi* e *kòbò* em todos os dialetos, apesar das diferenças de pronúncia exemplificadas acima. É provável que tal convenção ortográfica se baseie na suposição de que Xambioá e Javaé seriam fonologicamente mais conservadores que os demais dialetos. No entanto, uma análise mais cuidadosa sugere que Karajá do Sul e do Norte é que são de fato mais conservadores neste aspecto, o que é confirmado pela existência, nestes dialetos, de pares mínimos do tipo *daka* ‘tirar’ versus *dəka* ‘amarrar’, que correspondem a homófonos em Xambioá (*daka* ‘tirar’, *daka* ‘amarrar’). Pares mínimos deste tipo seriam homógrafos na fala feminina em Karajá do Sul e do Norte, apesar de serem pronunciados diferentemente: *karitakakre* [karɪdʌ'kakre] ‘eu vou tirá-lo/a’, *karitakakre* [karɪdə'kakre] ‘eu vou amarrá-lo/a’; *kanakre* [ka'nakre] ‘eu virei’, *kanakre* [kə'nakre] ‘ele/a virá’. Assim, a existência do xuá é provavelmente reconstruível em Proto-Karajá. Quanto ao seu *status* fonêmico, há pelo menos duas possibilidades: (1) o xuá poderia ser considerado como uma vogal *default*, ocorrendo para evitar seqüências de consoantes não permitidas superficialmente em Karajá, o que de fato ocorre em empréstimos como *dakəsi* ‘táxi’ (♂ *daasi*), em cujo caso teríamos que admitir a existência de padrões silábicos CCV em estrutura subjacente; (2) uma vez que só ocorre em posição átona, o xuá seria um alofone da vogal central média /ə/, que geralmente (mas não exclusivamente) ocorre em posição tônica. Há, no entanto, contra-exemplos para ambas as hipóteses. O *status* do xuá permanece, assim, algo a ser investigado. Os dados neste artigo, baseados nos dialetos Karajá do Sul e do Norte, são apresentados em uma transcrição ‘semi-fonológica’ no que diz respeito ao xuá e às consoantes palatais.

<sup>6</sup> No entanto, este xuá aparece superficialmente na fala masculina, quando há supressão da oclusiva velar /k/: ♂ *əɔ* [ə'ɔ] ‘sapo’, ♂ *əɔbɪ* [ə'ɔ'bɪ] ‘macaco’, ♂ *əɔɛ* [ə'ɔɛ] ‘martim-pescador’.

<sup>7</sup> Fortune & Fortune transcrevem este alofone como [j], enquanto Cavalcante o transcreve como [s]. De fato, sua pronúncia varia entre [s] e [j], não apenas entre diferentes dialetos, mas mesmo entre falantes do mesmo dialeto. É o que se pode ver nos exemplos em (1) acima.

<sup>8</sup> A africada alveopalatal sonora [dʒ] também ocorre como resultado da palatalização da aproximante alveolar /r/ depois de /i/: Karajá do Sul e do Norte *idʒaθɔ* ‘aruanã’ (Javaé e Xambioá *iraθɔ*) etc.

<sup>9</sup> Apesar de Fortune & Fortune (1963: 4) considerarem [ã] um fonema, representando-o na ortografia Karajá, não há indícios claros de contraste entre esta vogal e sua contraparte oral. É interessante ressaltar o fato de que as oclusivas sonoras /b/ e /d/ são sempre nasalizadas antes da vogal baixa /a/, mesmo em interior de palavra, como nos exemplos *wobã* [wo'ma ~ wo'mã] ‘machado’ e *webã* [we'ma ~ we'mã] ‘matá-matá’ (veremos adiante que uma aparente exceção a esta regra é, provavelmente, um empréstimo). Um hipótese bastante plausível é que, em um certo estágio no passado da língua, a vogal central baixa teria sido intrinsecamente nasal, o que explicaria a não-ocorrência dos alofones orais [b] e [d] antes de /a/. Tal nasalidade teria se perdido em uma fase posterior, sendo preservada apenas em ambientes favoráveis à nasalização, tais como em começo de palavra (Rodrigues 1986b), e, como resquício, nas oclusivas sonoras previamente nasalizadas. [O *status* fonêmico desta vogal é, no entanto, uma questão a ser investigada mais a fundo.] Também digno de nota é o fato de que, em se tratando da vogal central baixa [ã], a nasalidade é muito menos acentuada que no caso das demais vogais nasais, especialmente depois de [m] e [n], um fato já notado por Fortune & Fortune (1963: 19). A ocorrência de [ã] é, além disso, sujeita a variações dialetais. Assim, em Xambioá tal alofone aparentemente não ocorre: *habu* [ha'bu] etc.

<sup>10</sup> Para detalhes sobre a morfologia verbal do Karajá, ver Ribeiro (1996), em cuja análise a segmentação morfológica aqui apresentada se baseia.

<sup>11</sup> O uso de itens lexicais da Língua Geral Brasileira tem como objetivo apenas ilustrar a origem Tupí-Guaraní dos empréstimos aqui discutidos. Não queremos, com isso, sugerir em caráter definitivo que esta língua tenha sido a fonte de tais empréstimos. Há ainda um outro empréstimo, *kara* [ka'ra] ‘cará’ (♂ *ara*), cuja origem é claramente Tupí-Guaraní (em Língua Geral Brasileira (Martius *op. cit.*: 38), *cará*; em Tapirapé (Baldus *op. cit.*: 188), *kaná*), mas que pode muito bem ter sido tomado ao português, em épocas mais recentes. Por isso, não o

incluímos na presente discussão. A mesma observação se aplica a *bãdzɔka* [madʒɔ'ka] ‘mandioca’, ♂ *bãdzɔa* (citado por Fortune 1973: 110).

<sup>12</sup> Para os dados do Tapirapé, baseamo-nos inicialmente em Baldus (1970). Dados adicionais, bem como esclarecimentos sobre a fonologia de algumas palavras, foram gentilmente fornecidos por Walkíria Neiva Praça (Universidade de Brasília). A ortografia Tapirapé é em geral transparente, mas convém explicar a pronúncia de algumas letras: *x* representa a africada alveopalatal surda [tʃ] (correspondendo a *ch* na transcrição de Baldus), *y* representa a vogal central alta [i] e o apóstrofo representa a oclusiva glotal /ʔ/.

<sup>13</sup> Além disso, note-se que, no caso de *kɔbɔda* ‘feijão’, a forma Karajá se aproxima mais à da Língua Geral.

<sup>14</sup> Para informações a respeito do uso da Língua Geral entre os antigos paulistas, ver Buarque de Holanda (1969, 88-96). Para detalhes sobre a distribuição geográfica de ambas as línguas gerais, ver Rodrigues (1986a, 99-109) e Rodrigues (1996).

<sup>15</sup> A tarefa de se determinar com precisão a origem destes empréstimos é dificultada pela escassez de documentação da Língua Geral Paulista. De acordo com Rodrigues (1996), “o documento principal até agora conhecido é um dicionário de verbos, não datado e de autor desconhecido, mas possivelmente de meados do século XVIII, cujo manuscrito foi publicado por von Martius em seus *Glossaria linguarum brasiliensium*, sob o nome de ‘Tupi austral’ (Martius 1867: 99-122). Além desse dicionário, há uma pequena lista de palavras colhidas no início do século XIX em comunidades de mestiços de índios bororos (para lá levados de Mato Grosso por Antônio Pires de Campos) e negros na província de Minas Gerais, nas proximidades da atual cidade de Araguari, no Triângulo Mineiro (Saint Hilaire [1847]1944: 254-255).” É interessante ressaltar que, em meados do século XVIII, o mesmo Antônio Pires de Campos atacou à traição a principal aldeia dos Karajá da Ilha do Bananal, matando e escravizando muitos deles (Fonseca 1868[1775]). Pires de Campos, acompanhado de quinhentos índios Bororo, fora chamado a Goiás para dar combate aos Kayapó do Sul (Silva e Sousa 1849[1812]: 447-48). Entre os Karajá tomados como cativos estava a mulher que, mais de vinte anos depois, serviria de intérprete ao alferes José Pinto da Fonseca, primeiro a estabelecer relações pacíficas com os Karajá da Ilha do Bananal. Fonseca (*op. cit.*, 380) menciona a presença de um índio Bororo entre os Karajá, “escravo do maioral” desta tribo. É provável que este Bororo (falante de Língua Geral?) tenha tomado parte na expedição de Pires de Campos, tendo sido capturado pelos Karajá em combate.

<sup>16</sup> Este exemplo é restrito ao dialeto Xambioá. Uma vez que este dialeto é falado no extremo norte do território tradicional Karajá, é provável que este empréstimo se deva à influência da Língua Geral Amazônica outrora amplamente usada no Pará. Nos demais dialetos, a forma para ‘papel’ é *dɔki* ‘pele, casca; pano, roupa’ (♂ *dɔi*).

<sup>17</sup> Os termos para ‘cavalo’, ‘papel’ e ‘sal’ ocorrem também no dicionário de verbos do ‘Tupi austral’ (Língua Geral Paulista) de Martius (*op. cit.* 99-122): *oyúpe cabarúara* ‘montar a cavalo’ (p. 114), *ômondê áva apucá cavarú ara* ‘selar um cavalo’ (p. 120); *onboyovai papéera* ‘corresponder-se por carta’ (p. 106), *aguepi cavarú ára* ‘desmontar-se do cavalo’ (p. 108), *amondê yucura cecê* ‘salgar’ (p. 120). Tais exemplos se assemelham muito àqueles da Língua Geral Brasileira listados acima, e, portanto, não ajudam a resolver a questão quanto à origem dos empréstimos aqui descritos. Note-se que o termo para ‘cavalo’ é grafado ora como *cabarú*, ora como *cavarú*, o que sugere que a consoante representada pela letras *b* e *v* nestes exemplos deve ter sido um som intermediário entre [b] e [v], provavelmente [w] ou [β]. O mesmo pode ser dito com relação a *mocába* ‘arma de fogo’. O termo para ‘cavalo’ também ocorre no vocabulário dos “índios mestiços do Paranaíba” coletado por Saint-Hilaire (1944: 254), sob a forma *cavarú*.

<sup>18</sup> Galvão & Wagley afirmam que “de acordo com a tradição, os Tapirapé viveram por algum tempo nas margens dos Rios Araguaia e Javaé com os Carajá. Eles brigaram, e os Tapirapé se mudaram para o seu atual território no oeste” (1948: 167, tradução nossa; ver também Baldus 1970: 31-38). Lipkind (1948: 179) especifica que se tratava não dos Karajá como um todo, mas do subgrupo Javaé. Pode ser que a maioria dos elementos culturais e lingüísticos comuns aos dois grupos tenham sido intercambiados nesta época. O território tradicional dos Tapirapé, a que Wagley e Galvão se referem, situava-se ao norte do Rio Tapirapé, em Mato Grosso. Depois do último grande massacre cometido pelos Kayapó em 1948 (Baldus 1970: 48-50), os remanescentes Tapirapé se mudaram para as proximidades da aldeia Itxala (Karajá do Norte), na barra do Rio Tapirapé.

<sup>19</sup> Ehrenreich, que visitou os Xambioá na segunda metade do século XIX, descreve, entre os legumes existentes entre estes índios, “ervilhas trazidas do Pará (*komonora*)” (Ehrenreich 1948: 39). Trata-se, provavelmente, do feijão andu. É provável que pelo menos parte dos empréstimos descritos neste artigo tenham ingressado em épocas diferentes nos diferentes dialetos e, posteriormente, se difundido através de empréstimo interdialeto. Caso *kɔbɔdãwira* seja realmente de origem Tapirapé, teria sido adotado primeiro

pelos Javaé ou Karajá do Sul e do Norte, e só então teria se difundido entre os Xambioá. Isto explicaria a origem ‘paraense’ do *kɔbɔdāwira*, segundo Ehrenreich, uma vez que há aldeias Karajá do Norte também em território paraense. Em Tapirapé, a forma *komanā’ywyra* é um composto (*komanā* ‘feijão’ + ‘*ywyra* ‘árvore’). Em Karajá, naturalmente, [kɔmɔnawɪra] é interpretado como um só morfema. Baldus (*op. cit.*: 195) também se refere ao feijão andu: “Menores que estas favas [*komanā*] são os redondos frutos amarelos de um arbusto leguminoso cultivado pelos Tapirapé, chamados por eles de *kumanā-yvyraí*, ‘arbusto do feijão’. Os neobrasileiros plantam êsse arbusto [...], dando-lhe o nome de ‘anduzeiro’.”

<sup>20</sup> Neste exemplo, a supressão da consoante [n] na fala masculina ocorre provavelmente por analogia com a palavra nativa ♀ *adōdā* [anō’na] ‘coisa’, que também sofre o mesmo processo (♂ *aōdā*).

<sup>21</sup> O nome deste cesto em Apinajé é, segundo Christiane Cunha de Oliveira (comunicação pessoal), *katpɔ?*

<sup>22</sup> Em Tapirapé (como nas demais línguas Tupí-Guaraní mencionadas por Baldus), *chankuí* é um composto (*chanku* ‘jacu’ + -i ‘pequeno’). Em Karajá, *tfakohi* é, como seria de se esperar, uma palavra monomorfêmica. De acordo com Walkíria Neiva, o sufixo diminutivo contém uma oclusiva glotal, -‘i; esta oclusiva é substituída em Karajá pela fricativa glotal /h/; verifica-se a mesma correspondência nas palavras para ‘cesto cargueiro’, ‘cesto para guardar pequenos objetos’ e ‘Kayapó’.

<sup>23</sup> Em geral, é o inverso o que ocorre. Segundo Baldus (1970: 65), os Karajá tradicionalmente atuaram como transmissores de “cantos, ferramentas e epidemias” para os Tapirapé. Quanto à existência da dança de máscaras entre os Tapirapé, Wagley (1976: 241) é categórico: “O culto de dança de máscaras, dos homens, guardado como segredo para as mulheres, não é geralmente encontrado entre tribos tupí. Nesse caso foi obviamente importado dos vizinhos, os Karajá.” O empréstimo *tfakohi* sugere, contudo, que a difusão de elementos cerimoniais entre os dois povos tenha sido recíproca, em alguns casos.

<sup>24</sup> Wagley, citado por Baldus (1970: 185), escreve: “A cada dia durante minha visita em 1953 havia visitantes Carajá na aldeia Tapirapé. Eles vinham trocar peixe, caça e outros itens pela mandioca Tapirapé — uma vez que *os Tapirapé são por tradição melhores agricultores que os Carajá*” [tradução e grifo nossos].

<sup>25</sup> A inserção da fricativa glotal /h/ em sílabas começadas por vogal, tal como ocorre nos empréstimos *hākuri* e *hārara*, parece ser um processo comum em Karajá, cujo padrão silábico canônico é CV. Há algumas diferenças dialetais quanto à presença da fricativa glotal no começo de algumas palavras, como em *hāwəkɔ* ‘canoá’ (Xambioá *awəkɔ*) e *hādī* ‘mandi’ (Xambioá *adī*).

<sup>26</sup> Como vimos acima, [dʒ] tem distribuição semelhante a [tʃ], ocorrendo geralmente em contigüidade às vogais altas /i/, /ɨ/ e /u/, como em *dʒua* ‘galinha d’água’ e *ādʒikura* ‘mandioca’. Exemplos como *dʒakare*, em que [dʒ] ocorre antes de vogal baixa em começo de palavra, aparentemente não existem no léxico nativo do Karajá.

<sup>27</sup> O termo para ‘jacaré’ em Tapirapé é, segundo Walkíria Neiva Praça, *xākārē* (onde *x* representa uma africada alveopalatal surda). Note-se que, no caso de *tfakohi*, a africada alveopalatal surda do Tapirapé é preservada como tal em Karajá. A diferença de comportamento entre *tfakohi* e *dʒakare* reforça a idéia de que tais empréstimos provêm de fontes diferentes. [Note-se, no entanto, que em Karajá ouve-se também a pronúncia *dʒakohi*.]

<sup>28</sup> Os Apinajé mantiveram contatos históricos especialmente com os Xambioá, o mais setentrional subgrupo Karajá (Nimuendaju *op. cit.*: 91).

<sup>29</sup> McMahon (1994, 205) apresenta exemplos semelhantes em Eskimó Asiático, comparando empréstimos do russo adotados antes do período soviético, quando havia pouco bilingüismo, com aqueles adotados durante o período soviético, quando o russo passou a ser uma segunda língua para os Eskimó. Enquanto em empréstimos mais antigos os sons do russo são substituídos por seus equivalentes mais próximos em Eskimó, empréstimos mais recentes apresentam um grau muito menor de adaptação:

Russo	empréstimo antigo	empréstimo recente	
[bʲutɕə]	[pljusa]	[bljutca]	‘pires’
[tʃaj]	[saja]	[tʃaj]	‘chá’ etc.

<sup>30</sup> Ainda que os Karajá tenham tido contatos — geralmente hostis — com os Avá-Canoeiro, tais contatos parecem ter sido esporádicos e relativamente recentes, quando comparados com os contatos com os Tapirapé. É, portanto, pouco provável que esta língua seja a fonte dos empréstimos aqui discutidos.